

ACREDITAR EM QUEM?(¹)

Pedro Eduardo de Felício(²)

É muito baixo o risco de ocorrência, no Brasil, da doença EEB – Encefalopatia Espongiforme Bovina, tristemente conhecida como “doença da vaca louca”. Contudo, tecnicamente, é preciso insistir para que a ausência de evidência da doença não seja tomada como prova da inexistência do agente infectante nos rebanhos do país, que importou tanto gado da Europa e da América do Norte.

Não restam dúvidas de que o governo brasileiro saiu-se bem do embargo canadense, no início de 2001, apesar de ter lidado com a crise de maneira emocional, insinuando a falsa hipótese de que a *CFIA – Canadian Food Inspection Agency* (Agência Canadense de Inspeção de Alimentos) estivesse subordinada a interesses comerciais da indústria de aviões, o que se difundiu à opinião pública rápida e fortemente. Na ausência de contestações internas - eram raríssimas as vozes dissonantes – tudo se passava como se o país estivesse sendo injustamente acusado de negligência.

O Ministério da Agricultura fazia crer que a CFIA decretara o embargo por acreditar que havia gado infectado no Brasil, e que isto não era possível uma vez que o gado daqui é criado a pasto. Nada mais simples, claro e fácil de ser assimilado por qualquer pessoa independentemente do grau de escolaridade. Entretanto, nada mais distante da verdade. A CFIA decretara o embargo pela falta de respostas brasileiras às suas questões sobre as medidas preventivas efetivamente adotadas. E o fato de ser produzido a pasto não excluía a possibilidade de que bezerros - mais especificamente as fêmeas de gado leiteiro – fossem alimentados com rações contaminadas. Note-se que o status do sistema de defesa do país tem variado de extremamente instável a instável ao longo do tempo, ou seja, o agente etiológico encontraria aqui condições de ser reciclado na cadeia alimentar.

O assunto volta à baila neste momento em que o USDA – Departamento de Agricultura dos Estados Unidos é criticado na imprensa por ter demorado muito para admitir a ocorrência do segundo caso de EEB numa vaca de descarte abatida e incinerada em 15 de novembro de 2004. Exames feitos na ocasião deram resultados

¹ Artigo publicado na Revista ABCZ n.27, julho e agosto, ano 5, p. 106-107. 2005.

² Diretor associado da Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp. CP 6121, 13083-863 Campinas SP.

dísparos, mesmo assim o USDA deixou o caso em suspenso, e só o deu como positivo em 24 de junho deste ano, depois da confirmação feita pelo laboratório de Weybridge, Inglaterra, numa amostra enviada dias antes. Para o *New York Times*, do dia 26, o governo americano tinha um resultado positivo desse material há sete meses, mas não o divulgara sob alegação de que teria sido obtido em “teste experimental” e não em conformidade com o “*gold standard*” (o teste oficialmente adotado).

O caso dessa vaca, cruzada de Brahman, de 12 anos, é incomum, primeiro, por se tratar muito provavelmente de gado de corte, e da região de Waco, Texas, estado onde as matrizes e suas crias são alimentadas exclusivamente a pasto. Segundo, porque o jornal aponta para o lobby da indústria da carne e diz que o secretário do USDA tem um subsecretário e dois assessores especiais com fortes vinculações com o setor.

Para conferir a complicada situação em que se meteu o USDA, neste caso, recomenda-se a leitura da tímida e evasiva entrevista concedida, no dia 29 de junho, pelo veterinário-chefe da *APHIS – Animal and Plant Health Inspection Service*, (órgão máximo de inspeção), pelo diretor de medicina veterinária do *FDA – Food and Drugs Administration* (órgão que controla o registro de alimentos, medicamentos e cosméticos), e pelo diretor de saúde animal do estado do Texas. O que surpreende é que essa situação delicada se dê justamente no país onde falsear a verdade pode custar muito caro às autoridades.

Esses fatos levaram os repórteres do *New York Times*, McNeil Jr. e Barrionuevo, a citar o Dr. Michael K. Hansen, consultor do Sindicato dos Consumidores, que declarou: “*We have a serious communication problem at the Department of Agriculture. How can we be confident of anything they're saying?*” [Nós temos um sério problema de comunicação no USDA. Como vamos confiar no que estão nos dizendo?].

Concluindo, vale lembrar que as organizações de defesa do consumidor do Reino Unido já haviam demonstrado, em 1996, diante dos primeiros casos da doença “nCJD” (nova variante de Creutzfeldt-Jakob, tida como a EEB no homem), que em tempos modernos, dada a magnitude dos riscos que passam a representar os alimentos distribuídos para imensas populações humanas, não é mais possível confiar em ministérios de agricultura quanto à segurança alimentar. Comprovações disto têm ocorrido, desde então, em países como a Alemanha e a Espanha, onde ministérios de

agricultura foram refratários a apelos por maior transparência nas medidas preventivas e de proteção à saúde humana, estando agora em cheque o modelo adotado nos EUA.

A última edição desta coluna pode ter passado a idéia de que por ser pequena a quantidade de ácidos graxos *trans* na gordura do leite (foi dito que não consta da tabela do USDA), eles não tenham qualquer significado. Saliente-se que resultados de análises de *trans* no leite podem ser encontrados em artigos científicos, como em “*R. G. Jensen. The composition of bovine milk lipids: January 1995 to December 2000. J. Dairy Sci. 85:295-350, 2002*”. E que a proporção de *trans* não ultrapassa os 6% do total de lipídios, sendo que 10-15% disso é em CLA (ácido linoléico conjugado, com 80% do isômero biorreativo 18:2 cis-9, trans-11) de grande interesse em saúde humana (Ver *M.W. Pariza et al., Proc. Soc. Exp. Biol. Med. 223:8-13, 2000*).